



COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
LACES E DESENLACES

VOL. II

 **Atena** Editora

2018

Atena Editora

Comunicação e Educação
Laces e Desenlaces
Vol. II

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e educação [recurso eletrônico]: laces e desenlaces 2 /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
389 p. : 27.326 kbytes – (Comunicação e Educação; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-92-9
DOI 10.22533/at.ed.929181605

1. Comunicação. 2. Comunicação na educação. 3. Educação.
I. Título. II. Série.

CDD 370.14

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO 1 CINEMA MÍDIA: POTENCIALIDADES DO TRAILER INTERATIVO	8
<i>Giovana dos Passos Colling</i>	
CAPÍTULO 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO AUDIOVISUAL E AS COMPETÊNCIAS MIDIÁTICAS NOS CINEMAS DOS PRIMÓRDIOS E DA VANGUARDA RUSSA REVOLUCIONÁRIA	18
<i>Erika Savernini</i>	
CAPÍTULO 3 ESTADO E POLÍTICA NA RETOMADA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA EM PERNAMBUCO	33
<i>Leonardo Seabra PUGLIA</i>	
CAPÍTULO 4 NEM SEMPRE O BONITO É BOM E O FEIO É MAU: UMA ANÁLISE DA CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS DO FILME FREAKS DE 1932	46
<i>Ivon Mendes de Barros</i>	
CAPÍTULO 5 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO FILME CIDADE DE DEUS COMO UMA EXPERIÊNCIA DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA.....	62
<i>Rozinaldo Antonio Miani</i>	
CAPÍTULO 6 A FORMAÇÃO DE LEITORES-CONSUMIDORES CRÍTICOS NAS ESCOLAS: 10 ANOS DE PESQUISAS SOBRE LETRAMENTO EM MARKETING.....	75
<i>Jônio Machado Bethônico</i>	
CAPÍTULO 7 BACK TO THE BASICS: O LETRAMENTO UNIVERSITÁRIO COMO ESTRATÉGIA INSTRUTIVA PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL.....	89
<i>Luís Carlos Bittencourt</i>	
<i>Ediana Abreu Avelar</i>	
CAPÍTULO 8 FUTEBOL-ARTE: A PAIXÃO PELO ESPORTE COMO ESTRATÉGIA PUBLICITÁRIA.....	100
<i>Beatriz Braga Bezerra</i>	
<i>Marcella Rodrigues da Silva</i>	
CAPÍTULO 9 NARRATIVAS PUBLICITÁRIAS INTERTEXTUAIS: COMPREENDENDO O DIALOGISMO NA PUBLICIDADE	113
<i>Leonardo Mozdzenski</i>	
CAPÍTULO 10 PUBLICIDADE INFANTIL: NOTAS SOBRE A LEGISLAÇÃO VIGENTE NO BRASIL	128
<i>Manoela Pagotto Martins Nodari</i>	
<i>Priscilla de Oliveira Martins-Silva</i>	

CAPÍTULO 11 A COMPLEXIDADE DA FELICIDADE NA EDUCAÇÃO	142
<i>Cristiele Magalhães Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 12 A RELEVÂNCIA DA CONECTIVIDADE NA PROMOÇÃO DA CIDADANIA: O EMPODERAMENTO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO	155
<i>Beatrice BONAMI</i>	
<i>André Dala POSSA</i>	
CAPÍTULO 13 ALÔ AXÉ! SABERES DO CANDOMBLÉ NAS ONDAS DO RÁDIO: O LUGAR DA EDUCOMUNICAÇÃO POSSÍVEL.....	172
<i>Elis Rejane Santana da Silva</i>	
<i>Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim</i>	
<i>Aurilene Rodrigues Lima</i>	
CAPÍTULO 14 BELEZA, SAÚDE E O MEDO DE ENVELHECER: REPRESENTAÇÕES FEMININAS DOS ANOS 1960	182
<i>Ivania Skura</i>	
<i>Cristina Satiê de Oliveira Pátaro</i>	
<i>Frank Antonio Mezzomo</i>	
CAPÍTULO 15 CADERNOS DE PROCESSO COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE CERÂMICA E ESCULTURA: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS.....	194
<i>Valter Frank de Mesquita Lopes</i>	
<i>Orlane Pereira Freires</i>	
<i>Francine Rebello Pereira</i>	
CAPÍTULO 16 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O ALGORITMO DOS OUTROS SOMOS NÓS	208
<i>Sonia Regina Soares da Cunha</i>	
CAPÍTULO 17 COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA A SERVIÇO DE UMA WEB RÁDIO UNIVERSITÁRIA	227
<i>Daniela Pereira Bochembuzo</i>	
<i>Juliana Costa Neves</i>	
CAPÍTULO 18 COMUNICAÇÃO PÚBLICA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO: DEBATE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA.....	240
<i>Maria José da Costa Oliveira</i>	
<i>Heloiza Matos e Nobre</i>	
CAPÍTULO 19 CONSUMO E AMERICANIZAÇÃO: ASPECTOS CULTURAIS NA ABERTURA DE OS SIMPSONS	253
<i>Guilherme Hilgenstieler Faria</i>	
<i>Letícia Corona Fazolari</i>	
<i>Nathalia Akemi Lara Haida</i>	

CAPÍTULO 20 DISTINTAS JUVENTUDES ‘NEGOCIAM’ SUAS FLUÍDAS IDENTIDADES EM UM UNIVERSO MIDIÁTICO	268
<i>Rosana Alves de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 21 É BEM CAPAZ! A WEBSÉRIE COMO UM REGISTRO CONTEMPORÂNEO DAS LENDAS AMAZÔNICAS.....	277
<i>Daniele Teixeira Gonzaga</i>	
CAPÍTULO 22 ECOPROPAGANDA: CLASSIFICAÇÕES E DEFINIÇÕES DA PROPAGANDA SUSTENTÁVEL – ESTUDO DE CASO DO VÍDEO AMAZÔNIA (2014) DA EMPRESA NATURA	293
<i>Ana Paula Silva Câmara</i>	
CAPÍTULO 23 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO COTIDIANO: UMA ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM STAR CROSS’D A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS PEQUENAS CRISES E DA FRATURA GREIMASIANA.....	307
<i>Giovana Montes Celinski</i>	
CAPÍTULO 24 HÁBITOS DE CONSUMO DE MÍDIA NO MUNICÍPIO DE TAUBATÉ – SP ...	321
<i>Monica Franchi Carniello</i>	
<i>Alan Kevin Grandine Santos da Silva</i>	
<i>Moacir José dos Santos</i>	
CAPÍTULO 25 JOVEM UNIVERSITÁRIO DA UFAC E O SEU PERFIL DIGITAL	336
<i>Aleta Tereza Dreves</i>	
CAPÍTULO 26 NATUREZA SELVAGEM E O EXISTENCIALISMO NO AUDIOVISUAL: UM ESTUDO A PARTIR DE ALBERT CAMUS E VILÉM FLUSSER.....	350
<i>Marina Pires Savioli</i>	
<i>Nádia Maria Lebedev Martinez Moreira</i>	
CAPÍTULO 27 NETNOGRAFIA E SUAS CAPACIDADES METODOLÓGICAS	361
<i>Carlos Henrique Vale de Paiva</i>	
<i>Diogo Duarte Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 28 UMA ANÁLISE INTERNACIONAL DA PERSPECTIVA DAS MULHERES SOBRE OS CONTEÚDOS NOTICIOSOS.....	371
<i>Daniele Savietto Filippini</i>	
SOBRE OS AUTORES	385

BACK TO THE BASICS: O LETRAMENTO UNIVERSITÁRIO COMO ESTRATÉGIA INSTRUTIVA PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Luís Carlos Bittencourt

*UVA - Universidade Veiga de Almeida
Rio de Janeiro - RJ*

Ediana Abreu Avelar

*UNISUAM – Centro Universitário
Augusto Mota
Rio de Janeiro - RJ*

RESUMO: O presente estudo visa refletir sobre a prática pedagógica no curso de graduação em Comunicação Social, e dos desafios enfrentados pelos docentes frente aos déficits de cognição do alunado contemporâneo. Como caminho para aumentar os índices de apreensão dos saberes e fortalecimento das habilidades de interpretação e da escrita, tão essenciais à técnica e prática nos campos profissionais do Jornalismo e da Publicidade, os autores sugerem um retorno às bases da escolarização por meio da metodologia do letramento. A baixa formação oriunda da Educação Básica e os novos hábitos adquiridos pelo consumo das mídias digitais vem exigindo do professor um esforço maior para garantir um desempenho escolar satisfatório frente a uma sala de aula dispersa e pouco participativa. A constatação desse cenário imputa ao professor uma maior responsabilidade, exigindo dele uma ação ainda mais consciente e eficaz. O letramento universitário possibilita a redução dos problemas de leitura e escrita, percepção e reflexão crítica de graduandos, principalmente nas áreas das Ciências Sociais. Neste trabalho levantam-se questões sobre a qualidade da formação do ingressante no ensino de Terceiro Grau, bem como a necessidade de mudanças no processo de ensino-aprendizagem tal como é aplicado hoje, e propõe uma reflexão sobre novas estratégias instrutivas que considerem um ambiente escolar onde a criatividade e o conhecimento possam fluir com mais eficácia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Superior; Comunicação Social; Letramento; Prática pedagógica; Ensino-aprendizagem;

ABSTRACT: This study aims to reflect on the pedagogical practice in the undergraduate course in Social Communication, and the challenges faced by teachers facing the cognitive deficits of contemporary students. As a way to increase the rates of apprehension of knowledge and the strengthening of the skills of interpretation and writing, so essential to the technique and practice in the professional fields of Journalism and Advertising, the authors suggest a return to the bases of schooling through the methodology of literacy. The low level of education coming from Basic Education and the new habits acquired by the consumption of the digital media has demanded of the teacher a greater effort to guarantee a satisfactory school performance in front of a dispersed and little participatory classroom. The observation of this scenario imputes to the teacher a greater responsibility, demanding of him an even more conscious and effective action. The university literacy makes it possible to reduce the problems of reading and writing, perception and critical reflection of undergraduates, especially in the areas of Social Sciences. This paper raises questions about the quality of the training of third-grade students, as well as the need for changes in the teaching-learning process as it is applied today, and proposes a reflection on new instructional strategies that consider a school environment where creativity and knowledge can flow more effectively.

KEYWORDS: Higher Education; Social Communication; Literature; Pedagogical practice; Teaching-learning.

Introdução

A sala de aula da sociedade 3.0, que designa o quarto momento vivido pela humanidade em razão dos avanços da cibercultura e novas TIC's (Novas tecnologias da Informação e Comunicação), é um lugar desafiante à interação de seus principais atores: professor e aluno. Conectados à virtualidade por meio de seus dispositivos móveis, o consumo da informação está de certa maneira simplificado para o discente que, fascinado com o imediatismo dos conteúdos de seus sítios de interesse ou redes de relacionamento, não tolera mais uma relação de ensino-aprendizagem que lhe imponha um esforço mental maior.

É salutar para a construção do conhecimento crítico a apropriação das funcionalidades de todos os meios e ferramentas digitais disponíveis, principalmente nos territórios educacionais, porque seu domínio permite um grande avanço intelectual àqueles que conseguem entender que o universo da mídia digital é mais do que um espaço para relacionamento e/ou entretenimento.

Na cibersociedade, há inúmeras possibilidades de otimização daquilo que está bom ou pode vir a estar. Por outro lado, a vivência quase que estritamente virtual eleva as chances de piora daquilo que é ruim ou mediano. É o que vem acontecendo com a maioria dos alunos que chegam às instituições de ensino superior de muitos países, principalmente no Brasil, onde a educação básica sofre com a falta de políticas públicas eficazes que garantam uma formação de qualidade.

A formação acadêmica da maioria dos alunos que chegam ao ensino superior é incipiente ou nula. Muitos derivam de escolas públicas de baixo desempenho e de regras que permitiam a aprovação automática nas primeiras séries como elemento motivador à permanência na escola.

Esse contexto, associado ao enfraquecimento do papel da escola na vida social e à banalização do hábito de estudar e da profunda imersão na vida digital possibilitou um desequilíbrio nas habilidades cognitivas necessárias para a apreensão de alguns saberes científicos, enfraquecendo o processo de ensino-aprendizagem, principalmente nos modelos didáticos habitualmente utilizados no cotidiano escolar.

A constatação desse cenário imputa ao professor uma maior responsabilidade, exigindo dele um trabalho ainda mais consciente e uma ação de maior vigor em prol da mudança e da certeza de que seus alunos de fato aprendem aquilo que lhes é ensinado.

É o que se propõe neste artigo: renovar a atenção para um problema que não é novo, mas de difícil solução tirada de uma cartola mágica. Exige muito esforço à parte de professores, de alunos e, principalmente, das instituições de ensino, notadamente aquelas que associam a qualidade de ensino ao *marketing* institucional.

É preciso abrir espaço para pesquisas interdisciplinares com esse objetivo. Igualmente é necessário apoiar financeiramente os docentes, bem como em material instrucional, de tal forma que possam dedicar parte de seu tempo a criar alternativas educacionais que efetivamente contribuam para a melhoria do ensino e da formação de cidadãos mais aptos ao enfrentamento dos desafios de uma sociedade tão complexa como a atual.

1 - A Barreira Dialógica

Antes de tudo, vivenciam-se na instituição escolar modelos ultrapassados que não mais correspondem à realidade complexa em que se vive hoje no mundo contemporâneo. Pode-se dizer que se ensina hoje como se ensinava, na sua essência, no final do século XIX. A instituição educacional, de modo geral e com poucas exceções, segue modelos hierárquicos coercitivos e de controle (FOUCAULT, 1997). E a partir desses parâmetros “modelam-se” os indivíduos que vão atuar em sociedade numa espécie de processo circular de repetição que a psicanálise observaria como um sintoma.

É como diz Perrenoud (2000, p.149):

Na escola, as regras, por muito tempo, foram impostas de cima, com sanções ao final. A disciplina – fundamento histórico das disciplinas – está no princípio da escola como das ordens monásticas e outras instituições regidas por uma autoridade não-compartilhada.

Ser professor é muito difícil nesses tempos de escola de ambivalência democrática, desmoralizada, desatualizada e sem diálogo, porque não consegue entender os códigos que permeiam a mente dos sujeitos pertencentes à atual geração. É uma escola doente, anêmica, desprovida do vigor adolescente e psicologicamente presa a princípios éticos e pedagógicos ultrapassados. É um problema ético e político, sobretudo, porque é a educação, em todos os seus níveis e modalidades, o elemento construtor de uma sociedade mais desenvolvida, equitativa e participativa.

Contudo, ser aluno na sociedade digital é mais difícil ainda. Por vezes existe um mal-estar acadêmico e um *nonsense* sobre o que se está vivenciando na escola. O cotidiano niilista, onde a atenção exclusivamente foca-se nas interações virtuais, retrai e blinda qualquer possibilidade de dedicação a algo aparentemente inútil. A cibercultura mudou as relações sociais com dinamismo e praticidade, mas tem possibilitado a formação de sujeitos pouco reflexivos e carentes de instrução. É com esta realidade que o professor deve lidar hoje. Sem condenações ou juízos de valor *a priori*, mas aceitá-la como um “princípio de realidade”.

É preciso conhecer o campo de modo que se planeje corretamente como se dará a sementeira. Um diagnóstico preciso orienta passos futuros, porém (GANDIN,

2002, p.21) “na prática de uma instituição como a escola, o diagnóstico raramente é feito”. Ocasionalmente e de maneira involuntária, devido às enormes turmas que se apresentam nas instituições de ensino superior, principalmente nas escolas particulares, a primeira atitude docente é a de não diagnosticar o problema individual e coletivo de uma turma, negando inconscientemente aos discentes oriundos das escolas de concepção bancária, (termo utilizado por Paulo Freire (1983) em seu livro *Pedagogia do Oprimido*), antidialógicas, as chances de suplantar as dificuldades da leitura e da escrita, habilidades individuais necessárias ao pleno desempenho escolar e profissional, já que nessas escolas o conhecimento é transmitido de maneira “autoritária” de tal forma que não permite um diálogo entre professor e aluno, inibindo desse modo a interação e o espaço para a construção de novos saberes, bem como a participação do aluno no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1983).

Trata-se, sobretudo, reitera-se aqui, de uma questão ética. Como afirma Perrenoud,

É justo deslocar-se livremente durante determinada atividade e ter que pedir permissão em outra? É justo que um aluno seja ajudado, e um outro abandonado a si mesmo? É justo propor uma atividade que interesse a uns e desagrade a aos outros? É justo confiar em uns e fiscalizar os outros de perto? Um professor faz justiça. Justiça distributiva e comutativa quando decide recompensas e privilégios. (2000:152)

Perrenoud (2000) enumera dez novas competências para ensinar. Faz, no subtítulo deste importante livro, um “convite à viagem”. É disso mesmo que se trata: de uma viagem, de explorar novos lugares, novos meios de ensinar. O livro em questão data originalmente de 1999. São mais de dez anos em que muita coisa mudou nas escolas, principalmente o papel das novas tecnologias da comunicação e da informação.

O autor fala em “organizar e dirigir situações de aprendizagem”; em “conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação”, aceitando e administrando a heterogeneidade; no trabalho de equipe; no uso das novas tecnologias e no enfrentamento dos “deveres e dilemas éticos da profissão”, entre outras coisas. Reflete também sobre a necessidade de o aluno “administrar sua própria formação contínua”.

Floyd Merrell, estudioso de Charles Peirce, faz uma análise interessante sobre o verdadeiro processo dialógico, aquele que aceita o Outro. A citação é um pouco longa, mas necessária:

No caso de uma injunção genuinamente dialógica, o destinatário de uma mensagem deve tentar se colocar na pele da emissora; deve sentir aproximadamente como (Primeiridade) está sentindo a emissora, numa situação dentro da qual ele (o

destinatário) não teria experienciado (Secundidade) se não tivesse seguido a sugestão dessa emissora. Se o destinatário consegue `empatizar` (empathize, identificar-se) com a emissora, talvez possa interpretar os seus signos recebidos (Terceiridade) de maneira a `entrar` nos signos da emissora. Se não, pode pedir esclarecimento, e então começar de novo, ou talvez apresentar uma contramensagem para a emissora. (MERRELL, 2012: p. 235)

O texto acima argumenta contra “a injunção Simplesmente diga não”, que é o mais comum em sala de aula para ambas as partes, professor e aluno, quando alguma barreira de comunicação se coloca entre eles. É o caminho mais fácil. Numa situação assim, “Não haveria nenhuma `intersemiotividade`» e «a característica apropriadamente *dialogica* da *semiose* seria barrada” (MERRELL, 2012: p. 234). Não é verdadeiramente assim que acontece, ressaltando as raras exceções?

2 - Compartilhar Experiências

Há textos que dão prazer e euforia, dizia Barthes (2002). São aqueles que nos convidam à leitura, a deixar fluir o tempo em momentos de encantamento, de um recolhimento autoimune a tudo que não seja o prazer gerado pela escrita. Se assim é, por que então há tanto desprazer na leitura entre universitários, com reflexos extremamente negativos no processo ensino-aprendizagem?

Não se trata de incluir na referência bibliográfica uma série de livros como se apenas isso bastasse para obrigar o aluno a ler e ampliar o seu universo perceptivo. Sabe-se que o aumento exponencial da informação não está diretamente vinculado ao seu potencial de assimilação. Em outras palavras, ler muito não significa saber, principalmente se o que se lê não é compreendido adequadamente.

É disso que se trata: **entender o que se lê**. Não se fala aqui de romances, novelas e literatura *best seller*. Fala-se de literatura funcional de livro de formação adotado em cursos universitários. O aluno, com as exceções de praxe, já vem do ensino médio com deficiências de formação básica que criam obstáculos à adequada formação universitária. E com muitas barreiras cristalizadas que exigem do professor malabarismos para poder rompê-las, o que nem sempre é fácil pelas raízes profundas na consciência do aluno.

Uma questão que se coloca, e que inquieta o professor no exercício de seu trabalho, é que profissional estamos preparando. Preparamos para o mercado ou preparamos para a vida? Se a vida e o mercado, afinal, são uma mesma coisa no capitalismo, como sugerem algumas correntes de pensamento? São questões relevantes que, num contexto de mudanças em todos os níveis, como o atual, e sem as certezas confortadoras de alguns anos atrás, podem inviabilizar qualquer projeto particular de carreira docente.

Quantas vezes ouvimos de viva voz ou detectamos sinais de angústia de

professores paralisados por uma luta íntima ao não conseguirem mais responder a uma pergunta básica diante de uma turma que não reage à suas tentativas de viabilizar seus planos de aula: “o que estou fazendo aqui?”.

Ao prazer de ler é preciso, antes de tudo, no caso do professor em sala de aula, associar a competência de ensinar ao prazer de lecionar. São situações distintas. E para isso, o professor não pode ter dúvidas éticas que o impeçam de agir em sala de aula com a liberdade e a criatividade necessárias ao fluxo contínuo que permitirá a boa relação de ensino-aprendizagem.

Em tempos de novos métodos ativos de ensino, os alunos têm que querer aprender e os professores têm que viabilizar essa aprendizagem com a infraestrutura mais adequada que a instituição possa oferecer ao desempenho dessa tarefa. Deve-se encontrar uma estratégia instrutiva de transmissão do saber, de modo a garantir que as condições para o aprendizado sejam preservadas.

Em artigo da Revista *Educação*, Walter Omar Kohan pergunta “O que pode um professor?” Ele recorre a Deleuze ao falar da necessidade de se criar o que chama de “intercessores” no ato de criar. Afirma que se deve “aprender a criar; deve-se criar para aprender”. No mesmo artigo cita a leitura que Gilles Deleuze fez da *Ética de Spinoza* “como uma teoria dos afetos, sendo o afeto a variação contínua da potência de existir ou da força para agir”. Diz ele:

Para Spinoza de Deleuze há dois afetos fundamentais: a alegria – o afeto que aumenta nossa potência de agir- e a tristeza – o afeto que a diminui. A potência para agir e existir aumenta ou diminui em virtude das ideias e dos bons encontros que se tem (...). Uma das questões éticas principais passa a ser então: de que coisas alguém é capaz de ser afetado ou em que tipo de relações participa de maneira a aumentar a sua potência para afetar e ser afetado”. (KOHAN, 2012: p. 51)

Num exercício de aplicar os conceitos de “alegria” e de “afeto” (nos dois sentidos) na prática da sala de aula, pode-se considerar para efeito de análise dois tipos de alunos: os racionais e os emocionais. De modo geral, o primeiro está presente numa escala menor do que o segundo tipo. Há uma predominância do aluno emocional que, a princípio, seria mais “afetado” do que o tipo racional.

No entanto, no contexto de uma sala de aula, temos que considerar os dois tipos numa relação ensino-aprendizagem. O que se constata é que os métodos tradicionais de ensino deixaram de ser eficazes para ambos os tipos de alunos. Ao privilegiar uma ou outra metodologia, mais abstrata ou mais empírica, mais racional ou mais emotiva, o professor não contenta o grupo como um todo, o que prejudica a comunicação e a sua capacidade de ser “intercessor”. A questão que se coloca é como agir para gerar resposta, ou seja, o que fazer para “aumentar a sua potência para afetar e ser afetado”.

Um professor apático e sem motivação não gera dinâmica suficiente em sala de aula para exercer o seu papel de ensinar (no sentido tradicional) ou de “interceder”

(no sentido de ativar potências e gerar respostas). Sem empatia não há intercessão. Freud não escreveu especificamente sobre a educação, mas fez algumas observações em períodos distintos de sua vida, refletindo a evolução da teoria psicanalítica.

Nos seus últimos escritos, chegou a dizer que a educação não existia, quando abordava a questão da “pulsão de morte”, mas em outros momentos chegou a ter uma opinião mais favorável sobre a transmissão do saber e os processos educativos.

É notável que Freud fala em uma educação psicanaliticamente esclarecida, sugerindo um processo educativo que utiliza a psicanálise como ferramenta de compreensão dos fenômenos infantis, mas não aponta para uma aplicação dos *preceitos teóricos na educação*”. (LIMA & LIMA, p. 212-219).

Com base nos esparsos escritos de Freud, pesquisadores e educadores avançaram na discussão sobre o assunto, mostrando a importância da psicanálise para compreender a relação ensino-aprendizagem, sem falar nos trabalhos substanciais de psicólogos que criaram a base da educação moderna.

Aqui, no entanto, no escopo deste artigo consideram-se não os entraves psíquicos individuais no processo ensino-aprendizagem, sem dúvida relevantes e prementes de estudos por parte dos especialistas, mas a viabilidade de uma prática pedagógica que traga respostas imediatas à demanda urgente, para não dizer angustiante, do professor que enfrenta hoje, neste exato momento, dificuldades para gerir uma sala de aula do ensino superior – aqui particularmente num curso de Comunicação Social - tendo em mente que (GADOTTI, 2008, p. 63) “ser professor hoje não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas. É diferente”.

Hoje se faz necessária a coparticipação, como afirma Merrell citando o físico quântico John A. Wheller. Diz Merrell (2012, p.298) que “Nós *coparticipamos e colaboramos* com o universo (e o universo de signos) no seu processo, no nosso processo e no processo dos nossos signos, na auto-organização geral”. Não deveria ser assim a postura dialógica em sala de aula em que ambos, docente e aluno, se aceitam mutuamente no contrato ético de uma pedagogia mais democrática e adequada aos nossos tempos? Ademais quando nesses tempos imperam a virtualidade e as conexões em redes, promotores do novo cotidiano colaborativo que deve manifestar-se, sobretudo, nos espaços escolares.

3 - Uma Base Dialógica Ao Letramento

Há muito tempo, o Letramento é um método comumente utilizado à alfabetização de alunos da educação básica. Devido ao seu uso nas primeiras séries, imagina-se que sua utilização possa estar superada na educação de nível superior. O professor espera que o aluno, ao se matricular em sua classe, venha minimamente preparado para uma reflexão mais avançada, própria dos padrões universitários.

Após refletir sobre o estado da arte da alfabetização brasileira nos últimos vinte anos, (SOARES, 2004) propõe uma reinvenção do conceito de Letramento e de sua indissociabilidade ao conceito de alfabetização.

Devido ao agravamento dos entraves para apreensão e domínio de competências de leitura e escrita, a pesquisadora propõe uma prática pedagógica mais complexa para o enfrentamento dos problemas já nas séries iniciais. O Letramento deve, para além da própria alfabetização, garantir a instrumentalização para que a atitude profissional e a participação social sejam mais conscientes e efetivas. A constatação não é se o profissional sabe ou não ler e escrever e sim se ele sabe ou não interpretar ou problematizar em busca de soluções.

A inserção do Letramento como prática importante no processo de ensino e aprendizagem surge oficialmente no Brasil em meados da década de 1980 (SOARES, 2004). Diferente do fenômeno da alfabetização, que pertence ao sistema de escrita, o Letramento se estrutura de modo a gerar competências para além da capacidade de ler e escrever.

No Ensino Superior, o Letramento, quando planejado e metodologicamente aplicado, pode ser um instrumento de grande valor docente para reverter déficits cognitivos, romper barreiras cristalizadas e instaurar atitudes positivas de respeito mútuo em sala de aula. Sendo uma prática que se incorpora aos hábitos culturais e comportamentos sociais dos indivíduos,

o Letramento não é uma abstração. Ao contrário, é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diversos espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas, permeado por condições reais. (LEAL, 2001, p. 53)

Cada vez mais na lista dos ingressantes vislumbra-se um número cada vez maior de alunos com reais dificuldades de aprendizagem, notadamente em decorrência de políticas públicas inclusivas fomentadas pelo Poder Público e para as quais as instituições de ensino ainda não estão suficientemente preparadas, apesar dos esforços de nivelamento e outras ações pontuais.

É nesse contexto que o Letramento, por meio de exercícios e práticas de leitura e escrita associados aos métodos pedagógicos derivados das novas TIC's, pode ser incorporado, por idealismo destes pesquisadores, como uma técnica de ensino-aprendizagem universitária, cujo objetivo deve ser o de permitir um melhor domínio interpretativo e analítico.

Em 2012, o Curso de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro, inquietado com o baixo desempenho acadêmico de seus alunos nas classes, buscou entender, por meio de pesquisa exploratória, os hábitos de leitura e o nível de capacidade analítica dos alunos. Os relatos discentes serviram para indicar quais eram as deficiências de entendimento dos conteúdos, e quais alunos mereceriam melhor atenção em razão dos desníveis cognitivos.

Esse entendimento preliminar levou a constatação de que uma intervenção era necessária. Diante das inúmeras possibilidades no campo das metodologias ativas, a coordenação por entender que o alunado carecia de instrumentalização básica, optou em testar numa disciplina comum aos currículos das habilitações de Publicidade e Jornalismo, exercícios semelhantes ao letramento na educação infantil.

Esse retorno ao básico da escola pode num primeiro momento levar a uma ideia de retrocesso metodológico, tendo em vista que deveria ser inerente a vivência universitária a leitura crítica e a produção textual de nível avançado.

Os resultados da aplicação dessa metodologia, com declarada intenção de melhorar a leitura e a escrita para o enfrentamento profissional, por meio de trabalhos e avaliações, indicaram que os alunos se desenvolveram positivamente com essa prática, porque conseguiram aprender ao traduzir com suas próprias palavras os saberes ensinados. O ato de redigir um texto sintetizando o que foi explanado ajudou na fixação dos conceitos, estimulando a reflexão e o raciocínio.

Motivados com e pelo resultado, a segunda fase da pesquisa será a de modelar o método Letramento Universitário. Para esta etapa está prevista a incorporação de *apps* (aplicativos) educacionais gratuitos e do método de instrução pelos colegas (*peer instruction*) aos exercícios básicos de leitura e escrita. No total serão investigadas seis turmas de uma mesma disciplina e duas turmas de uma segunda disciplina, numa amostra de aproximadamente trezentos alunos. 50% do universo receberá a interferência-teste enquanto que os demais nem saberão das ocorrências. Ao final, após análises comparativas dos dados, um relatório será produzido para o segundo semestre de 2016.

Considerações Finais

É necessário repensar a prática pedagógica no ensino superior, pois um projeto de intervenção educativa deve consistir no estímulo, apoio e organização visando estabelecer a relação entre os alunos e o saber (TRINDADE, 2002).

Diante do cenário atual e da perspectiva de fracasso escolar, profissional e social, é urgente a necessidade de se fazer alguma coisa, iniciativas de grupos ou ações isoladas que buscam romper com a barreira do mesmo e da repetição. É preciso abrir a porta para experiências novas, para a pedagogia *coparticipativa* e crítica que estimule a criatividade e a colaboração do aluno.

Para isso é fundamental entender esse aluno, dialogar com ele, trazê-lo de volta (ou de vez) para o contrato que se estabelece em sala de aula, só que em bases novas e abertas ao diálogo, ao respeito às diferenças, ao espírito da liberdade e da expressão que deve sempre nortear de forma educativa a troca entre professor e alunos.

Para que isso ocorra é preciso incorporar novas metodologias e práticas pedagógicas, abrindo espaço em sala de aula para a experiência - que em termos semióticos estaria na categoria da Secundidade, na vivência e na existência de cada um. (“A própria palavra Experiência consiste em um neologismo, quando incorporada à língua portuguesa, devido à dificuldade de sua tradução a partir do original *experiencing*”, que conota algo em processo. MESSIAS & CURY (2006)). Em outros termos, ceder espaço à empatia, ao emocional, não para se atrelar a ele e assim permanecer, mas para deixar fluir a criatividade e o novo (Primeiridade) que, num intercâmbio com um terceiro elemento já dado (Terceiridade), o saber adquirido, possibilitasse processos de ressignificação num movimento constante de vir-a-ser.

Conseguiríamos assim abrir espaço para a lógica do Letramento? Conseguiríamos assim reduzir o abismo que vem separando cada vez mais o jovem estudante da leitura e dos modos lógicos tradicionais de aquisição do conhecimento?

Porque de uma coisa estamos certos: para os universitários da sociedade 3.0, o letramento como estratégia instrutiva funciona como um instrumento seguro para a diminuição dos problemas de leitura e escrita, interpretação e análise, percepção e crítica. E este convém ser aplicado dentro de novas perspectivas, propiciando um novo ambiente escolar onde há ganhos para ambos os atores: o professor e seu aluno.

Referências

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. 3a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 35a. Edição. Petrópolis: Vozes, 2008

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

GADOTTI, Moacir. **Convocados, uma vez mais: Ruptura, continuidade e desafios do PDE**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GANDIN, Danilo. **Sinais da Realidade no Processo de Planejamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

KOHAN, Walter Omar. *O que pode um Professor*. In: “Deleuze pensa a Educação”. **Revista Educação**, No. 6, 2012.

LEAL, Leiva de Figueiredo Vianna. Sujeito Letrado, Sujeito Total: implicações para o letramento escolar. In: *Alfabetização e Letramento, Significados e Tendências*. LIMA, Maria Sampaio Alencar; LIMA, Maria Celina Peixoto. “Dois

discursos freudianos sobre a educação: considerações acerca da inibição intelectual”. In. **Psyco**, v. 42, n. 2, pp. 212-219, abr./jun. 2011.

MERREL, Floyd. **A Semiótica de Charles S. Peirce Hoje**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TRINDADE, Rui. **Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem**. Porto: Asa, 2002.

SOARES, Magda. “Letramento e Alfabetização: As muitas facetas”. *Revista Brasileira de Educação*. N. 25, pp. 5-17, jan/abr, 2004.

Pesquisa na Internet

MESSIAS, João Carlos Caselli & CURY, Vera Engler. “Psicoterapia centra na pessoa e o impacto do conceito de experiência”. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Acesso em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000300003&script=sci_arttext

Sobre os Autores

Alan Kevin Gandine Santos da Silva Graduando em Jornalismo pela Universidade de Taubaté

Aleta Tereza Dreves Professora Assistente de Ensino do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – UFAC e Assessora de Comunicação da Universidade Federal do Acre – UFAC. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Faculdade de Pato Branco – FADEP em 2004. Especialista em Informática em Educação pela Universidade Federal de Lavras – UFLA em 2008. Mestre em Televisão Digital: informação e conhecimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP em 2015. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Paraná. (2018); Pesquisadora dos seguintes grupos de pesquisa CNPq: Comunicação, Cultura e Sociedade (UFAC) atuando na linha de pesquisa Comunicação, Mídias Digitais e Juventude (pesquisadora); Pensamento Comunicacional Latino-Americano (UNESP) atuando nas seguintes linhas: Gestão da Informação e Comunicação para Televisão Digital e Comunicação Digital e Interfaces Culturais na América Latina (estudante). E-mail para contato: aleta.ac@gmail.com ou aleta.dreves@ufac.br

Ana Paula Silva Câmara Formação Específica em Produção de Eventos Culturais pela Universidade da Amazônia – Belém – Pará. Formação Tecnológica em Produção Publicitária pela Faculdade Tecnológica da Amazônia – Belém – Pará. Graduação: Bacharelado em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia – Belém – Pará. Pós-graduação: MBA – Formação Executiva em TV e Cinema pela Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro – RJ. E-mail para contato: anapaulascamara@gmail.com

André Dala Possa - professor na área de tecnologias educacionais do Centro de Referência em Formação e EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (CERFEAD/IFSC). Possui bacharelado em comunicação social com habilitação em jornalismo e licenciatura em sociologia; mestre em ciências sociais e doutorando em ciências da comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Desenvolve pesquisa netnográfica sobre o comportamento comunicacional de estudantes entre 15 e 18 anos na relação diária entre smartphone, computador, sala de aula e rotinas de rua.

Aurilene Rodrigues Lima Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (1990), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e cursa o doutorado em Ciências da Comunicação na

ECA - Escola de Comunicação e Artes da USP - Universidade de São Paulo. Exerce a função de professora assistente da Universidade do Estado da Bahia. Área de pesquisa: caatingueiros do sertão da Bahia. e-mail: aurilene.rl@bol.com.br

Beatrice Bonami – pesquisadora do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM-ECA/USP). Possui Mestrado pelo PPGCOM-ECA/USP e Graduação em Artes Visuais e Comunicação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atua há 7 anos com pesquisas na área de Literacias de Mídia e Informação, Inclusão Digital, Plataformas de Recursos Educacionais Abertos e Design Thinking na área de Educação à Distância e Presencial.

Beatriz Braga Bezerra: Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pernambuco; Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutoranda em Comunicação e Práticas do Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing; Integrante do Grupo CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo do PPGCOM/ESPM; Bolsista Prosup Integral pela Capes; E-mail para contato: beatriz.braga@hotmail.com.

Carlos Henrique Vale de Paiva Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá (2017). Atualmente é assessor em comunicação da Associação de Docentes da Estácio de Sá (ADESA). Atua na publicação científica Dissertar desde 2015. Tem experiência na área de Comunicação com ênfase na produção editorial, Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas ao ensino superior.

Cristiele Magalhães Ribeiro Professor da Universidade La Salle – Canoas / RS; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade La Salle; Graduação em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestrado em Administração e Negócios – Marketing pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Doutorado em andamento em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil; E-mail para contato: rcristiele@hotmail.com

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e

Desenvolvimento e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão. Doutora em Educação e Bolsista Produtividade pela Fundação Araucária. crispataro@gmail.com

Daniela Pereira Bochembuzo Professora da Universidade do Sagrado Coração; Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina; Mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Grupo de pesquisa: Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM) E-mail para contato: daniela.bochembuzo@usc.br

Daniele Savietto Filippini Professor da Universidade Unip Graduação em Comunicação Social com ênfase em Rádio e TV pela Universidade Metodista; Mestrado em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra; E-mail para contato: danisavietto@hotmail.com

Daniele Teixeira Gonzaga Graduação em Comunicação Social: Rádio, TV e Internet pela Universidade Centro Universitário do Norte - UNINORTE; E-mail para contato: adanigonzaga@hotmail.com

Diogo Duarte Rodrigues Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (UNESA), especialização Master Digital Design em Mídias Interativas (INFNET) e é Mestre em Ciência da Informação (IBICT/UFRRJ). Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente em internet, marketing e publicações digitais. É professor universitário desde 2010, participando ativamente nos cursos de Comunicação Social, Web Design e Marketing. Atualmente, é coordenador dos cursos superiores de tecnologia em Marketing e em Design Gráfico, da UCB.

Ediana Abreu Avelar Professora adjunta dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Universidade Veiga de Almeida e Centro Universitário Augusto Motta; Graduada em Comunicação Social pela FACHA/RJ; Mestrado em Educação pela UCP/RJ; Doutoranda em Ciência Política pelo IUPERJ; Grupo de Pesquisa em Qualidade em Comunicação – CNPq; E-mails para contato: ediana.avelar@uva.br e ediana@souunisuam.com.br

Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Possui Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação em EaD pela Universidade Federal do Ceará (UFC 2007); É professora assistente da Universidade do Estado da Bahia. UNEB. Atualmente participa dos grupos de pesquisa da GESC³. Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo

(Casa Sêmio - São Paulo); ABpN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) e NEIEF (DCH III) em Educação Infantil e Ensino Fundamental nas áreas de comunicação e novas tecnologias com alunos e orientandos na área de negritude, comunicação e novas tecnologias. e-mail: eliasimeia@yahoo.com.br

Elis Rejane Santana da Silva Doutoranda do PPGCOM/USP. Possui mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - Uneb (2012). Atualmente é professora assistente da Universidade do Estado da Bahia, professora colaboradora (LICEEI) da Universidade do Estado da Bahia, com ênfase de atuação principalmente nos seguintes temas: educação matemática; ensino, pesquisa extensão em educação; ecologia humana e comunicação. e-mail: elisseco@gmail.com

Erika Savernini Professor da Universidade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestrado em Artes Visuais - Cinema pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutorado em Artes - Cinema pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Grupo de pesquisa: líder do grupo Estética e Pensamento Cinematográfico; E-mail para contato: erika.savernini@ufff.edu.br

Francine Rebelo Pereira Servidora da Universidade Federal do Amazonas; Técnica do Laboratório de Cerâmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas; Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas; E-mail para contato: franciz_am@yahoo.com.br

Frank Antonio Mezzomo Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão. Doutor em História, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder e Editor da Revista NUPEM. frankmezzomo@gmail.com

Giovana dos Passos Colling Graduanda em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail para contato: giovanacolling@gmail.com

Giovana Montes Celinski Professora de Jornalismo da Faculdade Secal e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade

Tuiuti do Paraná (UTP); Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Paraná; Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná; Grupo de Pesquisa: Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais – INCOM (UTP)

Guilherme Hilgenstieler Faria Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo

Heloiza Matos e Nobre Professor da Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM - da Universidade de São Paulo; Graduação em Jornalismo pela Universidade de Juiz de Fora; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Pós-Doutorado pela Université Grenoble III FRANCE; Grupo de pesquisa: Compol – Comunicação Pública e Política, como coordenadora do grupo, desde 2010. Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq até 2010; E-mail para contato: heloizamatoss@gmail.com

Ivania Skura Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná e Graduada em Comunicação Social pelo Centro de Ensino Superior de Maringá. Integrante dos Grupos de Pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais - INCOM (UTP) e Cultura e Relações de Poder (UNESPAR). ivaniaskura@hotmail.com

Ivon Mendes de Barros. Mestre em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi; especialista em Fundamentos das Artes e da Cultura pela UNESP; graduado em Educação Artística com habilitação em teatro pela ECA-USP e FAMOSP. Foi professor na Universidade Anhembi Morumbi, na Universidade de Sorocaba e na Faculdade Mozarteum. Deu aulas de Maquiagem Teatral para atores no Senac por 20 anos. Realizou oficinas e palestras em mais de 20 escolas de diferentes locais do Brasil e em 3 locais do Peru. Tem experiência profissional na área das Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: maquiagem de personagens, máscaras, teatro, interpretação, música, cinema e educação. E-mail para contato: ivonmendes@gmail.com

Jônio Machado Bethônico Graduação em Comunicação Social / Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestrado em Educação e Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; Doutorado em Educação e Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; Pós-Doutorado em Linguística Aplicada: Linguagem

e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; E-mail para contato: jonio@ufmg.br

Juliana Costa Neves Graduação em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração. Grupo de pesquisa: Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM). E-mail para contato: julianacostaneves96@gmail.com.

Leonardo Mozdzenski Professor da Escola de Contas Públicas Prof. Barreto Guimarães (ECPBG/TCE-PE); Graduação em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Comunicação (em andamento) pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: As narrativas da publicidade híbrida e os novos papéis do consumidor E-mail para contato: leo_moz@yahoo.com.br.

Leonardo Seabra Puglia Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009), Pós-Graduação em Gestão de Negócios e Inteligência Competitiva pela ESPM-RJ - Escola Superior de Propaganda e Marketing (2012), Mestrado em Ciências Sociais pela PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2015) e é doutorando em Ciências Sociais também pela PUC-RJ. Trabalhou com design, edição de vídeo, rádio, web, jornalismo e marketing esportivo, mídias digitais, TV, impresso, ONG e crítica de cinema, além de ter atuado, durante seis anos, como analista de marketing da Rede Telecine. Atualmente é cineclubista e professor no curso de Comunicação Social da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA), em Macaé-RJ. leopuglia@gmail.com

Letícia Corona Fazolari Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo

Luís Carlos Bittencourt Professor Titular e Coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida; Coordenador do MBA em Administração de Marketing e Comunicação Empresarial da UVA; Graduação em Jornalismo pela ECO/UFRJ; Mestrado em Comunicação pela ECO/UFRJ; Doutorado em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ; Grupo de Pesquisa em Qualidade em Comunicação - CNPq; Avaliador Institucional pelo INEP/MEC; E-mail para contato: bitt@uva.br e lcbitt@gmail.com

Manoela Pagotto Martins Nodari Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES. Doutorado em andamento pelo Programa de Pós-

graduação em Psicologia da UFES. E-mail: manu_pagotto@yahoo.com.br

Marcella Rodrigues da Silva: Professora do Centro Universitário Vale do Ipojuca - Unifavip | DeVry; Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará; Integrante do Grupo CNPQ Publicidade nas Novas Mídias (PPGCOM/UFPE) e Sociedade de Estudos do Esporte (PPGS/UFC); E-mail para contato: marcellamkt@gmail.com.

Maria José da Costa Oliveira Graduação em Comunicação Social pela Universidade de Mogi das Cruzes; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Pós Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Grupo de pesquisa: Compol – Comunicação Pública e Política; E-mail para contato: zezecoliveira@gmail.com

Marina Pires Savioli Universidade Anhembi Morumbi São Paulo – SP

Moacir José dos Santos Professor da Universidade: Universidade de Taubaté (UNITAU)/ Centro Universitário Módulo –Caraguatatuba/SP; Membro do corpo docente do Programa de Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional da UNITAU; Graduação em História pela Universidade Estadual Paulista (1996); Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista (2000); Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista (2006); Pós Doutorado pela Universidade do Minho (UMINHO), Braga/Portugal (2015); Grupo de pesquisa: Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUPEC).

Monica Franchi Carniello Professora da Universidade: Universidade de Taubaté (UNITAU)/ FATEC – Pindamonhangaba/SP; Membro do corpo docente do Programa de Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional da UNITAU; Graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1993); Mestrado em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2000); Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2005); Pós Doutorado pela Universidade Metodista de São Bernardo (2010); Pós Doutorado pela Universidade do Minho (UMINHO), Braga/Portugal (2015); Grupo de pesquisa: Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUPEC)/ Avaliação e diagnóstico do desenvolvimento regional - UNITAU

Nádia Maria Lebedev Martinez Moreira Professora da

Universidade Anhembi Morumbi; Graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil; Mestrado em Comunicação Social: Interações Midiáticas pela Universidade; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil; Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil; nadialebedev@gmail.com

Nathalia Akemi Lara Haida Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo

Orlane Pereira Freires Professora da Universidade Federal do Amazonas; Membro do corpo docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas; Graduação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas; E-mail para contato: orlane.freires@gmail.com.

Priscilla de Oliveira Martins-Silva Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. E-mail: priscillamartinssilva@gmail.com

Rosana Alves de Oliveira Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat; Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins-UFT; Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília - UnB; Grupo de pesquisa: Comunicação, Cultura e Sociedade - Unemat ; E-mail para contato: rosana.alves@unemat.br

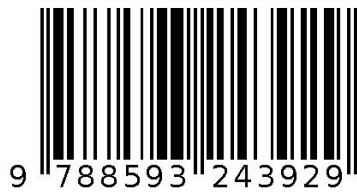
Rozinaldo Antonio Miani Graduado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC); Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Pós-doutor pela ECA/USP (Apoio Fundação Araucária). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Vice-Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Vice-Coordenador do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (CNPq).

Sonia Regina Soares da Cunha Professor Estagiário PAE da Universidade de São Paulo; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo; Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Faculdade Cásper Líbero; Mestrado em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio

Grande do Norte; Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Grupo de pesquisa: Epistemologia do Diálogo Social da Universidade de São Paulo; E-mail para contato: reginacunha@usp.br

Valter Frank de Mesquita Lopes Professor da Universidade Federal do Amazonas; Membro do corpo docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas; Graduação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas; E-mail para contato: valtermesquita@ufam.edu.br.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-92-9



9 788593 243929